O AUTOR
Roberto Elísio dos Santos
Jornalista, Professor Doutor em Comunicação pela ECA–USP, professor do Centro Universitário Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul – SP.

APLICAÇÕES DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Crianças e jovens têm, na História em Quadrinhos, um aliado para desenvolver o hábito de leitura e a compreensão de conteúdos escolares

A málgama de arte, técnica, divertimento e atividade comercial, a História em Quadrinhos congrega diferentes atributos (qualidades e defeitos). Como manifestação artística, descende do grafismo elaborado a partir do século XVIII na Europa. Suas características técnicas foram geradas com o aprimoramento das formas de impressão (os quadrinhos são marcadamente, até hoje, uma forma de comunicação visual impressa) e da diversificação da narrativa ficcional.

Produto criado no seio da indústria cultural, a História em Quadrinhos incorpora a dinâmica (e os vícios) do sistema produtivo. A produção periódica e a expectativa de lucro alto conspiram contra a qualidade do material. Contudo, a criatividade dos quadrinhistas, dentro e na periferia das grandes editoras, consegue manter não apenas o interesse do público-leitor, mas também o reconhecimento por parte dos críticos e pesquisadores. Muitos são os exemplos de originalidade, inovação estética ou narrativa, de ousadia temática e de valor artístico que podem ser encontrados nos quadrinhos.

Além disso, a História em Quadrinhos, como veículo de comunicação, tem, ainda, outras aplicações, seja como peça de *marketing*, seja como instrumento de transmissão de conhecimento e ferramenta pedagógica. É justamente a possibilidade de uso das HQs que necessita ser melhor compreendida e explorada por educadores, pais e membros de movimentos populares e comunitários. De acordo com o pedagogo Azis Abrahão, ao lado da instrução formal, rígida, há um aprendizado indireto, que também permite a aquisição de conhecimento e que pode ser realizado concomitantemente à instrução direta.

Neste sentido, ressalta Abrahão, a História em Quadrinhos, "como veículo de aprendizagem para as crianças, não só é capaz de atingir uma finalidade instrutiva (ensino direto ou central), pela apresentação dos mais diversos assuntos e noções. Mais do que isto, e principalmente, consegue preencher uma finalidade educativa (ensino concomitante), por um desenvolvimento [que produz], de ordem psicopedagógica, isto é, dos processos mentais e do interesse pela leitura"[1]. Apresentar o potencial didático-pedagógico dos quadrinhos é, portanto, o objetivo deste texto.

INCENTIVO À LEITURA

O desinteresse pela leitura por parte das novas gerações tem sido explicado, de forma generalizada e até mesmo preconceituosa, como conseqüência dos meios visuais e audiovisuais. Imputa-se a ojeriza pelos textos à televisão e, mais recentemente, ao videogame e à Internet. E nem mesmo a História em Quadrinhos passa incólume à ação de teóricos e educadores que procuram entender as causas da rejeição à palavra escrita e impressa por parte dos jovens.

No caso específico do Brasil, há diversos processos que desencadeiam o desinteresse pela leitura, sejam de ordem econômico-social (a parcela mais pobre da população não tem poder aquisitivo para adquirir livros, jornais e revistas), sejam de ordem política (o Estado é responsável pela situação calamitosa, crônica e persistente do ensino público que, além de não incentivar o aluno a criar o hábito da leitura, ainda é ineficiente).

Mas, então, como explicar a falta de interesse pela leitura também presente no caso de estudantes vindos de extratos mais altos da sociedade, que têm poder aquisitivo e podem freqüentar escolas particulares pagas?

O fato de o hábito da leitura ter diminuído nas últimas décadas pode ser creditado a um fator cultural: o brasileiro não está sendo instigado a ler ou por causa da censura nos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, pelo número reduzido de bibliotecas ou até mesmo pela violência, que retira os jovens de classe média das ruas e impede sua incursão pelas bancas de jornal, onde encontram material que pode abrir as portas para a leitura, a exemplo da História em Quadrinhos.

O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura.

> A criança que não lê nem História em Quadrinhos tampouco se sentirá disposta a enfrentar textos didáticos, literários e informativos.

A utilização de quadrinhos pode ser de grande valia para iniciar o jovem no caminho que leva à consolidação do hábito e do prazer de ler.

Azis Abrahão considera que a História em Quadrinhos, denominada por ele *literatura em quadrinhos*, agrada as crianças, uma vez que atende a sua necessidade de crescimento mental. Na sua opinião, as

1. *Apud* MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva (Debates, 26), 1977. p. 147

crianças "pouco entendem da literatura produzida para elas. O desinteresse que nutrem, por qualquer gênero de leitura, que não seja de quadrinhos, pode ser explicado pela falta de familiarização com certas noções abstratas da linguagem comum, particularmente da linguagem escrita, pela dificuldade experimentada na análise de seu vocabulário e do sistema de imagens e idéias, pelo defeituoso aprendizado da leitura, pela limitação de seus quadros e experiências etc."[2].

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos, como será visto a seguir, é mais proveitoso.

HQS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Os quadrinhos vêm sendo utilizados com sucesso em livros didáticos há três décadas. Artistas e pedagogos unem-se para aproveitar as possibilidades técnicas, narrativas e expressivas dos quadrinhos no que tange à disseminação mais eficiente de conhecimento.

No entanto, Sonia Bibe Luyten observa que, pelo caráter comercial de muitos livros didáticos, ocorrem distorções. Segundo a pesquisadora de quadrinhos[3], os erros mais comuns nas obras didáticas que utilizam HQs são: quadrinhos com excesso de texto e imagens muito chamativas em detrimento do conteúdo. Ela adverte que "há livros que, apenas para vender mais, inserem alguns elementos de quadrinhos (balões ou onomatopéias) em velhas imagens conhecidas". Pondera, ainda, a respeito de a disciplina ser afeita ou não à quadrinização: em matérias das Ciências Humanas (Geografia, História, Sociologia), "quando a quadrinização é mal feita, a imagem pode transmitir figuras deturpadas, gerar estereótipos, conotações ideológicas, ou seja, interpretações errôneas dos acontecimentos"[4].

Contudo, a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra. Na visão de Azis Abrahão, texto e ilustração "se ajustam e se testam, na identificação de seus significados e de suas relações, naquela necessária integração de matéria e forma, que tão bem atende aos princípios atuais da Pedagogia, baseados no caráter sincrético e globalizador do pensamento da criança"[5].

Da mesma forma, a seqüencialidade (a maneira como se articula a narrativa quadrinhográfica, com uma vinheta sucedendo a outra, em ordem lógica, mas fragmentada temporalmente, o que exige participação e perspicácia da parte do leitor para preencher os momentos não

2. MOYA, Álvaro de. **Shazam!** *op. cit.* p.150.
3. BIBE LUYTEN, Sonia M. (org.). **Histórias em Quadrinhos** – leitura crítica. São Paulo: UCBC /Paulinas, 1984.
4. BIBE LUYTEN, Sonia M. (org.). **Histórias** ... *op. cit.* p. 88-89.
5. MOYA, Álvaro de. *op. cit.* p. 143.

mostrados), assume, para Abrahão, "o caráter de verdadeiro relato visual ou imagístico, que sugestivamente se integra com as rápidas conotações do texto escrito, numa perfeita identificação e entrosamento das duas formas de linguagem: a palavra e o desenho. Exatamente como convém ao caráter sincrético e intuitivo do pensamento infantil"[6]. Dessa forma, o quadrinho torna mais interessante o conteúdo a ser estudado, e mais: exige do aluno uma percepção maior do meio empregado, a História em Quadrinhos.

APRENDIZADO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

O mesmo mecanismo das HQs que permite a absorção de temas por parte das crianças também pode ser usado com eficácia para aprender línguas estrangeiras.

O sucesso do emprego de imagens e textos articulados em seqüência não se restringe apenas às crianças.

Um exemplo pode ser visto na experiência do professor universitário holandês Jeroen Klink, que conseguiu maior fluência em português por meio da leitura de revistas de quadrinhos com os personagens criados por Maurício de Sousa.

Já o editor-chefe das revistas Disney publicadas pela Editora Abril, Euclides Miyuara, formado em Letras pela USP, ministrava aulas de Inglês empregando seu talento de quadrinhista para fixar, com o uso de imagens que desenhava, palavras e ações que seriam mais difíceis de serem compreendidas se ficassem limitadas a textos escritos.

OUTRAS APLICAÇÕES

A leitura é apenas uma das possibilidades de emprego da História em Quadrinhos no ensino. Pierre Michel, professor do Liceu de Corbeil, na França, destaca as aplicações dos quadrinhos na educação. Para ele trata-se de "um material que pode suscitar a reflexão, a pesquisa e a criação"[7] e não meramente a leitura descompromissada.

Temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser discutidos a partir da leitura de uma determinada História em Quadrinhos. A turma de alunos, ao utilizar os quadrinhos como ponto de partida de um debate, tem em mãos material para refletir a respeito de idéias e valores.

A Turma da Mônica é a HQ nacional de maior sucesso de público.

Determinadas edições de quadrinhos contêm elementos da tradição ou da his-

6. MOYA, Álvaro de. *op. cit.* p. 150-151.
7. MICHEL, Pierre. **La Bande Dessinée.** (A História em Quadrinhos.) Paris: Librairie Larousse, 1976. p. 137.

tória brasileira, a exemplo de *O boi das aspas de ouro*, *Adeus, chamigo brasileiro* e *Crônicas da Província*. Na primeira história, publicada em 1997 pela editora Escala, de São Paulo, o veterano artista Flávio Colin adapta uma lenda gaúcha. Já a segunda, editada pela Companhia das Letras em 1999, é o resultado da pesquisa feita para a tese de doutorado do quadrinhista André Toral sobre a iconografia da Guerra do Paraguai. E a última, lançada em 1999 pelas editoras Tempo Presente e Via Lettera com apoio cultural da Universidade Federal de Mato Grosso, aborda, por meio do roteiro de Wander Antunes e arte elaborada por Mozart Couto, o coronelismo, a fraude eleitoral e outras características típicas da política brasileira que ainda hoje são praticadas.

A dramatização é outro recurso pedagógico que, ao lado do debate, pode ser provocado pela História em Quadrinhos. Como observa Azis Abrahão, "à criança o que importa é brincar, jogar noutras palavras; é de especial importância e interesse, para a criança, a atividade lúdica, em si mesma, pelo seu processo, pela simples ação que desencadeia, pois que o objetivo consciente ou deliberado do jogo tem sempre caráter fictício e fortuito". E salienta que "o jogo exercita atividades inespecíficas, desenvolve capacidades e virtualidades gerais, sem qualquer objetivo próprio, relacionadas com o crescimento físico e mental da criança"[8]. Assim é que, ao utilizar a História em Quadrinhos (ela mesma um objeto de ludicidade) para a encenação de um tema, para a formulação de jogos dramáticos, pode-se conseguir um rendimento maior e uma integração mais espontânea do grupo, com ganhos de eficiência e economia de tempo na aprendizagem.

No que se refere ao potencial criador da História em Quadrinhos, uma experiência produtiva e dinâmica foi conseguida por meio da integração das atividades de redação e desenho.

Em 1994, a partir da oficina oferecida durante a exposição "Quadrinhistas e cartunistas do ABC", realizada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, duas professoras (uma de Português e outra de Educação Artística) de escola pública da Região desenvolveram um trabalho com alunos de quinta série. O roteiro redigido para História em Quadrinhos foi tarefa mais amena e prazerosa para os estudantes e serviu para que a docente avaliasse a escrita, enquanto a finalização do projeto foi feita pela livre transposição das palavras em imagens e em narrativas seqüenciais.

EDUCAÇÃO POPULAR

Finalmente, a História em Quadrinhos também tem sua aplicação como prática pedagógica empregada em movimentos sociais, tenham eles a finalidade de conscientizar ou de alfabetizar as parcelas mais carentes da população.

8. MOYA, Álvaro de. *op. cit.* p. 153.

Nesse sentido, o jornalista e educador popular peruano Juan Acevedo Fernándes de Paredes conceitua: "Se falarmos de quadrinhos populares, é evidente que nos movemos no quadro da educação libertadora, de um processo de transformação social em que o povo seja cada vez mais dono de seu próprio destino"[9].

Acevedo formulou um projeto para utilizar a História em Quadrinhos na organização de um programa de alfabetização visual, com vistas a capacitar as pessoas a não apenas entender as imagens, mas também a se servirem delas para a comunicação, para se expressarem. Este projeto já foi executado em diversas comunidades de vários países latino-americanos e europeus. O educador peruano afirma que "o projeto dos quadrinhos populares tem interessantes tarefas: dirigido à organização do movimento, alentando o intercâmbio e a integração dos povos, deve atentar também para a investigação da linguagem da imagem, de sua relação com outros mecanismos de percepção do ser humano e trabalhar estes conhecimentos na perspectiva da educação popular"[10].

O emprego da História em Quadrinhos no processo de aprendizado é, portanto, um manancial rico para os educadores. Como foi observado ao longo deste texto, são várias as possibilidades encontradas nos quadrinhos que podem ser aplicadas na educação, com o intuito de transmitir conhecimentos, despertar o interesse e criar o hábito da leitura sistemática, conscientizar, fomentar atitudes críticas, desenvolver a aptidão artística e a criatividade, seja em estudantes ou em movimentos populares.

Basta apenas que educadores e pais percam o preconceito ainda existente em relação aos quadrinhos e passem a considerar este meio de expressão artística como forte aliado na formação dos jovens, especificamente, e do povo em geral.

Resumo: Considerada erroneamente apenas um entretenimento descompromissado ou subliteratura infantil, a História em Quadrinhos possui qualidades que seus críticos nem desconfiam. A utilização dos quadrinhos no processo de aprendizagem, por exemplo, é um recurso viável, necessário e importante, que, entretanto, tem sido pouco explorado. Apresentar os recursos didático-pedagógicos dos quadrinhos é, portanto, o objetivo deste texto.

Palavras-chave: História em Quadrinhos, educação, aprendizado, recursos didático-pedagógicos

(Comic strip applications)

Abstract: Wrongly considered simply as uncommitted entertainment or sub-literature for children, the Comic Strip has qualities that its critics never even thought of. To use the comic strip in the learning process, for example, is a viable, necessary and important resource that has been poorly explored. Thus, this text aims at presenting the teaching and learning resources the comic strip has.

Key words: Comic Strip, education, learning, teaching-learning resources

9. ACEVEDO, Juan. **Como fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990. p. 195.
10. ACEVEDO, Juan. *op. cit.* p. 195.